

## Ronald Cintra Shellard

### Mais que um orientador, um tutor

Luís Miguel Domingues Mendes\*

*Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Partículas - LIP, Portugal*

Para mim não há palavras para descrever a imensidão de Ronald Cintra Shellard. Não só pela sua estatura, carreira científica, personalidade, amizade, visão inovadora e simpatia sem igual.

Pensei e reescrevi algumas vezes essa homenagem, afinal, como colocar em palavras a carreira e a vida de R.C. Shellard?! É fato notório que foi uma pessoa por quem tenho imenso carinho e gratidão eterna, que marcou e marcará para sempre a minha vida pessoal e profissional. Mais do que um amigo, prestigiado cientista, orientador, foi e sempre será um tutor para mim. Ron desde os nossos primeiros contatos me tratou como um filho, e teve uma generosa contribuição em minha carreira científica e em minha vida pessoal; não à toa, sempre estará em minhas recordações como um dos meus quatro pilares, o meu “pai científico”.

Primeiramente, os seus feitos e contribuições científicas falam por si, nesses quase 40 anos de carreira. Minha aproximação com o Ron se iniciou há aproximadamente 10 anos, quando começamos a trabalhar numa nova proposta de um projeto científico para melhorar a contagem dos múons, para um *upgrade* do observatório Pierre Auger (Malargüe-Mendoza, Argentina).

Até então, apesar da proximidade ser meramente científica, de palestras, *meetings* e pequenas reuniões, comecei a admirá-lo também por seu distinto senso de humor, capaz de desbloquear um mau clima no ar, de uma forma impressionante.

Ron era extremamente carismático. Sabia como ninguém lidar com um conflito. Ele contava que tal habilidade herdou de sua avó, pela qual tinha enorme carinho. Desde a tenra infância, sua avó proporcionava situações que o levaram a evoluir sua argumentação pessoal. Ele sempre me recomendava que primeiro precisava ouvir e, quando fosse defender os ideais, o fizesse de forma certa. Com leveza, nunca impondo vontade nem ideias. Ele dizia-me que diante de pessoas com ideias fixas, não adiantava insistir. Ele dizia que, mesmo com razão, nesses casos, o melhor a ser feito era escutar o outro e sutilmente aproveitar para apresentar sua ideia de forma leve e engraçada. Desta forma ele era capaz de quebrar o gelo e fazer com que a outra pessoa parasse para pensar no exemplo apresentado em questão. Certamente este foi

um dos melhores conselhos que ele ofereceu na vida! Todos os que tiveram a oportunidade de conviver com ele puderam desfrutar de uma personalidade leve, descontraída e política, capaz de lidar com opiniões divergentes.

Desde o início da nossa aproximação profissional, percebi sua empatia e facilidade de lidar com pessoas. Ele era cirúrgico com pessoas e tinha um cuidado especial para tratar todos de forma igual, desde a Dona Maria (chefe da equipe de limpeza) ao pesquisador titular, destacando que todos eram de extrema importância para se fazer ciência.

Para além deste seu lado humanista, o Ron sempre tentava simplificar as coisas, fazendo questão de ele mesmo fazer trabalhos que normalmente os outros líderes repassavam diretamente para estudantes. Como o caso de fazer *shifts* no Observatório Pierre Auger, os quais ele fazia esporadicamente para, desse modo, ele mesmo sentir a realidade experimental. Também para poder apoiar e ajudar estudantes em início de carreira, os quais ele tinha muito gosto em cativar e incentivar na carreira científica. Eu mesmo sou prova disso. Em que pese, na altura em que nos conhecemos já ter anos de carreira científica, academicamente possuía apenas licenciatura em engenharia. Fato que o impressionou e que o fez me motivar a galgar passos mais altos para progredir na formação acadêmica. Com a sua orientação fiz o mestrado e atualmente estou fazendo o doutorado, que ele tanto queria que eu fizesse.

Apesar de grande cientista, Ron era uma pessoa muito simples, que não dava grande importância a luxos. Em nossas missões em Auger, na Argentina, ele fazia questão em dividir uma cabana comigo. O local era simples e familiar, lá podíamos cozinhar e foi aí que descobri o seu gosto por doce de leite argentino.

Neste simples complexo de cabanas onde costumávamos ficar alojados, havia duas cachorras (que atendiam por Carola e Moura), que quando estávamos em Malargüe, elas trocavam a casa dos seus proprietários pela nossa cabana. A graciosa Carola sozinha abria a porta para vir ficar conosco dentro da cabana. Tive oportunidade de presenciar uma cena muito carinhosa que um animal é capaz de fazer e que o tocou sobremaneira, sem qualquer treinamento, por espontânea iniciativa, em uma manhã de novembro de 2016, enquanto estávamos preparando o café da manhã, a doce Carola vai ao jardim pegar/arrancar rosas com os seus próprios dentes e vem entregar ao Ron. Um gesto espontâneo, completamente imprevisto e inexplicável, emo-

---

\*Electronic address: mendes@lip.pt

cionou imenso o Ron, como se pode ver neste registro fotográfico.



Figura 1: Carola (Cachorra) oferecendo rosas ao Ron - Cabañas Brisas del Sur (Malargüe-Mendoza, Argentina).

Ron tinha muitas qualidades e sempre tinha resposta para tudo. Anos mais tarde ele me confessou que nunca se deve dizer “não sei” para um aluno, porque a porta do conhecimento é infinita; por isso, por vezes é preferível usar um pouco de criatividade, para motivar e impulsionar a vontade de conhecimento. Ele era incapaz de ensinar a física de forma limitada e pragmática, ele dizia que para aprender física era necessário saber a origem das coisas, tudo o que está por detrás do que se quer aprender. Segundo ele, era preciso ter uma mente curiosa, compreender a origem dos raios cósmicos, a formação de uma estrela de nêutrons e supernovas, tudo isto para entender a origem do universo. O Ron não se limitava às teorias, fazia questão de ele mesmo botar as mãos na massa. Sempre que eu ia instalar um novo detector, ele fazia questão de participar:



Figura 2: 15/02/2015 – Hodoscópio Gianni Navarra (no observatório Pierre Auger), a instalação da Botton-RPC para aquisição de *traces* de grande inclinação.

Outra particularidade do Ron é que ele mantinha acesa a chama do conhecimento, mesmo depois de se tornar diretor do CBPF, sempre permaneceu ávido em aprender novidades. O conhecimento é ilimitado, ninguém nunca o pode tirar; por isso, era comum ele pedir dados dos novos experimentos, para que, nos tempos livres, aos fins de semana, ele pudesse estudar e analisar. Ele fazia isso não apenas pela vontade de autoconhecimento, mas sim porque se sentia bem em contribuir pessoalmente e ao mesmo tempo poder estar atualizado, buscando orientar de forma didática e prática os alunos. Apesar das muitas atribuições, Ron sempre esteve disponível aos seus alunos, arranjava frequentemente um tempo de atender a todos que o solicitavam.



Figura 3: Outubro de 2019 – montagem da primeira RPC (Resistive Plate Chamber) do tipo MARTA no CBPF.



Figura 4: Outubro de 2019 – montagem da primeira RPC do tipo MARTA no CBPF.

Além de grande humanista, enquanto cientista, deixa um admirável legado como pessoa. Gostaria de destacar seu espírito aventureiro, sempre com gana de construir algo memorável para o futuro, encarava desafios fora da caixa, que por vezes poderiam ser considerados por muitos como irrealistas ou lunáticos, mas ele correntemente colocava muita coragem e convicção em suas crenças e ideais. As suas histórias eram muitas, desde quando viu no CERN a criação de Tim Berners-Lee, que considerou que iria ser a revolução do milênio e que fez de tudo para trazer esse conhecimento para o CBPF/Brasil.

Ron tinha uma capacidade de argumentação extraordinária,

tinha um caso que ele adorava contar ... como ele e o Alberto Etchegoyen conseguiram trazer o Observatório Pierre Auger para a Argentina. Na altura, a África do Sul era um dos sítios candidatos, e Nelson Mandela tinha enviado uma carta recomendando o país para candidato. Ele tinha ganhado o Prêmio Nobel da Paz, o que dava uma relevância muito grande ao local indicado por ele. Pois bem, numa reunião em que estava uma discórdia enorme sobre que sítio escolher, e que estava praticamente decidido que seria a África do Sul, não aceitavam argumentações, Ron diz para o Alberto: “Vou resolver a situação e levar o observatório para a Argentina, vais ver!” levanta-se e desfecha a reunião com: “acho que não vamos decidir hoje, mas me digam uma coisa importante, onde podemos ir tomar uma cerveja agora quando sairmos?” Os presentes na reunião se deram conta de que

não havia local para poderem tomar uma cerveja ali. Moral da história, foi com um exemplo simples de bom humor, que ele conseguiu demonstrar a toda a comunidade científica que se o sítio não tinha condições para realizar uma simples confraternização, seria de todo difícil implementar o maior observatório em área do mundo (3.000 km<sup>2</sup>).

Sua família era a sua base. Ron era totalmente dedicado a esposa, filhos, netos e seus animais de estimação. Tinha 3 cachorros. Desses, Isaac Newton recebia grande parte de sua atenção. Ele o chamava de Zeca. Eram melhores amigos.

Ronald Cintra Shellard, um grande homem que deixou um legado, uma escola de vida, de coragem, força e dedicação. Sempre te vou levar no coração.